

cerimónia mortal

j. d. robb

Tradução de Joana Taborda e Marco Neves

*Há mais coisas no Céu e na Terra, Horácio,
do que as que sonhas na tua filosofia.*

S H A K E S P E A R E



*Seria indiscreto venerar Satanás,
mas podemos ao menos respeitar-lhe os talentos.*

M A R K T W A I N

C A P Í T U L O 1



A morte rodeava-a. Encarava-a todos os dias, sonhava com ela todas as noites. Vivia sempre com ela. Conhecia os seus sons, os seus aromas, até a sua textura. Podia encará-la nos olhos negros e astutos sem um pestanejar. Ela sabia que a morte era um adversário cheio de truques. Uma hesitação, um pestanejar, e podia mover-se, podia mudar. Podia vencer.

Dez anos como polícia não a haviam endurecido para essa realidade. Uma década como força da autoridade não a tinha feito aceitá-la. Quando olhava a morte nos olhos, era com o gélido aço do guerreiro.

Eve Dallas olhava para a morte agora. E olhava para um dos dela.

Frank Wojinski tinha sido um bom polícia, de confiança. Alguns teriam dito laborioso. Ela recordava que ele fora afável. Um homem que não se tinha queixado da mixórdia disfarçada de comida no Refeitório da Polícia de Nova Iorque, ou a burocracia fatigante para os olhos que o trabalho gerava. Ou — pensava Eve — sobre o facto de ter sessenta e dois anos e nunca ter passado do posto de detetive sargento.

Tinha sido um pouco atarracado e deixara o cabelo embranquecer e rarear naturalmente. Em 2058 era raro um homem evitar a escultura corporal e os retoques. Agora, no seu caixão com lateral transparente, com salpicos de lírios funestos, assemelhava-se a um monge de tempos idos a dormir pacificamente.

Tinha nascido noutros tempos — pensava Eve absorta —, tendo vindo ao mundo no final de um milénio e vivido a sua vida no seguinte. Passara pelas Guerras Urbanas, mas não falara delas como o faziam tantos dos políciais mais velhos. Frank não tinha gostado de histórias de guerra — recordou ela. Mais depressa mostrava a última fotografia ou holograma dos filhos e netos.

Gostava de contar piadas de mau gosto, falar de desporto e tinha uma fraqueza por cachorros-quentes de soja com recheio picante de *pickles*.

Um homem de família — pensou ela —, um que deixava para trás um enorme desgosto. De facto, ela não conseguia pensar em ninguém que tivesse conhecido Frank Wojinski e que não tivesse gostado dele.

Tinha morrido ainda com metade da vida pela frente, morrido sozinho, quando o coração que todos tinham pensado ser tão grande e tão forte pura e simplesmente parara.

— Raios partam.

Eve virou-se, colocando uma mão no braço do homem que se chegou para o seu lado.

— Lamento, Feeney.

Ele abanou a cabeça, com os seus olhos de camelo esbugalhados repletos de tristeza. Com uma mão ajeitou o cabelo ruivo frisado. — Se fosse em ação, teria sido mais fácil. Eu podia lidar com o facto de ser no cumprimento do dever. Mas, pura e simplesmente, parar... Deixar-se ir no cadeirão dele a ver futebol de arena no ecrã. Não está certo, Dallas. Um homem não deve parar de viver com a idade dele.

— Eu sei. — Sem saber que mais fazer, Eve envolveu um braço sobre o ombro dele e levou-o dali.

— Ele treinou-me. Cuidou de mim quando eu era novato. Nunca me deixou ficar mal. — A dor irradiava dele e emprestava-lhe um brilho mortiço aos olhos, soçobrando-lhe a voz. — O Frank nunca deixou ninguém ficar mal na vida.

— Eu sei — disse ela novamente, pois não havia mais nada que pudesse ser dito. Ela estava habituada a que Feeney fosse duro e forte. A delicadeza do desgosto dele preocupava-a.

Ela guiou-o por entre os enlutados. A sala do velório estava apinhada de políciais e de família. E onde havia políciais e morte, havia café. Ou o que passava por isso em tais locais. Ela serviu uma chávena, passando-lha.

— Não consigo perceber. Há algo que me escapa. — Ele deixou escapar um enorme suspiro entrecortado. Era um homem robusto e

compacto, que usava o seu desgosto tão abertamente quanto usava o casaco amarrotado. — Ainda não falei com a Sally. A minha mulher está com ela. Pura e simplesmente, não consigo.

— Não faz mal. Eu também ainda não falei com ela. — Como não tinha nada com que manter as mãos ocupadas, Eve serviu-se de uma chávena que não fazia intenções de beber. — Estão todos abalados com isto. Eu não sabia que ele tinha um problema cardíaco.

— Ninguém sabia — disse Feeney calmamente. — Ninguém sabia.

Ela manteve uma mão no ombro dele enquanto examinou a sala sobrelotada e sobreaquecida. Quando um outro agente morria no cumprimento do dever, os polícias podiam zangar-se, podiam estar concentrados, escolher o seu alvo. Porém, quando a morte se esgueirava e entortava um dedo caprichoso, não havia ninguém para culpar. E ninguém para castigar.

O que ela sentia na sala e nela própria era impotência. Não se podia apontar a arma, ou o punho, ao destino.

O agente funerário, todo janota no seu fato preto tradicional e com uma cara tão cerosa como a de alguns dos clientes, andava pela sala a dar palmadinhas de consolo e com os olhos sóbrios. Eve pensou que preferiria que um cadáver se levantasse e lhe sorrisse do que ouvir as suas banalidades.

— Por que não vamos os dois falar com a família?

Para ele era difícil, mas Feeney assentiu, pondo de lado o café por beber. — Ele gostava de ti, Dallas. «Aquela miúda tem tomates de aço e uma mente a condizer», costumava dizer. Ele dizia sempre que se alguma vez estivesse metido numa alhada, era a ti que gostaria de ter a cobrir-lhe a retaguarda.

Isso surpreendeu-a e deixou-a agradada, mas simultaneamente veio aumentar o seu desgosto. — Não me tinha apercebido de que ele pensava isso de mim.

Feeney olhou para ela. Ela tinha uma cara interessante, não daquelas de fazer parar o trânsito, mas das que costumava fazer um homem olhar duas vezes, com os seus ângulos e ossos afilados, a covinha no queixo. Tinha olhos de polícia, intensos e escrutinadores, e ele esquecia muitas vezes que eram de um castanho-dourado escuro. O cabelo dela era do mesmo tom, curto e desesperadamente a pedir algum penteado definido. Era alta e esguia e de constituição forte.

Ele lembrou-se de que tinha sido há menos de um mês que dera com

ela, maltratada e ensanguentada. Mas a arma tinha-se mantido firme na mão dela.

— Ele tinha essa opinião de ti. E eu também. — Enquanto ela pestanejava, Feeney endireitou os seus ombros encurvados. — Vamos falar com a Sally e com os miúdos.

Esgueiraram-se pela multidão compacta numa sala oprimida pela imitação de madeira escura, cortinados vermelhos pesados e o cheiro funerário de demasiadas flores enfiadas num espaço demasiado pequeno.

Eve interrogou-se por que motivo os velórios dos mortos eram sempre acompanhados por flores e panos vermelhos estendidos. De que antiga cerimónia teria surgido o costume, e por que motivo a raça humana continuaria a manter-se fiel ao mesmo?

Ela estava certa de que, quando o seu tempo viesse, não escolheria ser exposta para estudo pelos seus entes queridos e colegas numa sala sobreaquecida onde o aroma persistente das flores fazia lembrar podridão.

Depois viu Sally, apoiada pelos filhos e pelos filhos dos filhos, e apercebeu-se de que tais ritos eram para os vivos. Os mortos estavam muito para além de dar importância a essas coisas.

— Ryan. — Sally estendeu as mãos — mãos pequenas, quase feéricas — e tocou com a face na de Feeney. Manteve-se nessa posição por um momento, os olhos fechados, a cara pálida e sossegada.

Era uma mulher magra e de fala doce em quem Eve sempre pensara como sendo delicada. Contudo, uma mulher de polícia que tinha sobrevivido ao *stress* do emprego durante mais de quarenta anos precisava de ter fibra. Em contraste com o simples vestido preto, tinha posto num fio o anel do marido de 25 anos na Polícia de Nova Iorque.

Outro rito, pensou Eve. Outro símbolo.

— Estou tão contente por aqui estares — murmurou Sally.

— Vou sentir a falta dele. Vamos todos sentir a falta dele. — Feeney deu-lhe uma palmadinha desajeitada nas costas antes de se afastar. Tinha o desgosto na garganta, a estrangulá-lo. Engoli-lo só o alojou pesada e friamente nas suas entranhas. — Sabes que se houver alguma coisa...

— Eu sei. — Os lábios dela curvaram-se ligeiramente, e ela deu um aperto rápido e reconfortante na mão dele antes de se virar para Eve. — Fico agradecida por teres vindo, Dallas.

— Ele era um bom homem. Um polícia como deve ser.

— Sim, pois era. — Reconhecendo-o como um grande tributo, Sally conseguiu esboçar um sorriso. — Tinha orgulho em servir e proteger. O comandante Whitney e a mulher estão cá, e o chefe Tibble. E tantos outros. — O olhar dela vagueou cegamente pela sala. — Tantos. Ele contava, o Frank contava.

— Claro que sim, Sally. — Feeney ia alternando o peso de pé para pé. — Já, hã, sabe do Fundo de Sobreviventes?

Ela voltou a sorrir, dando-lhe palmadinhas na mão. — Nós estamos bem. Não te preocupes. Dallas, acho que não conheces a minha família. Tenente Dallas, a minha filha Brenda.

Baixa, com curvas arredondadas, reparou Eve enquanto apertavam as mãos. Olhos e cabelo escuros, um queixo um tanto ou quanto pronunciado. Saía ao pai.

— O meu filho, Curtis.

Esguio, de ossos pequenos, mãos suaves, olhos secos mas toldados pelo desgosto.

— Os meus netos.

Eram cinco, o mais novo um rapaz com cerca de oito anos com nariz achatado coberto de sardas. Deitou um olhar inquisitivo a Eve. — Porque é que estás armada?

Corada, Eve apertou o casaco sobre o antebraço. — Vim direitinha da Central de Polícia. Não tive tempo de ir a casa mudar de roupa.

— Pete. — Curtis lançou a Eve um olhar apologetico. — Não inco-modes a tenente.

— Se as pessoas se concentrassem mais nos seus poderes pessoais e espirituais, as armas seriam desnecessárias. Sou a Alice.

Uma loura esguia vestida de preto deu um passo em frente. Em qualquer caso, ela seria um espanto — pensou Eve, absorta — mas tendo origens tão vulgares, era estonteante. Os seus olhos eram de um azul suave e onírico, os lábios cheios e luxuriantes não estavam pintados. Usava o cabelo caído de modo a descer direito e brilhante sobre os ombros do seu vestido preto fluido. Um fio fino de prata caía-lhe até à cintura. Na ponta tinha uma pedra preta encastrada em prata.

— Alice, és mesmo uma cabeça de alho chocho.

Ela lançou um olhar frio sobre o ombro na direção de um rapaz de cerca de dezasseis anos. Mas as mãos dela regressavam sempre à pedra preta, como pássaros elegantes a guardar um ninho.

— O meu irmão, Jamie — disse ela numa voz sedosa. — Ainda acha

que chamar nomes merece uma reação. O meu avô costumava falar de si, tenente Dallas.

— Fico lisonjeada.

— O seu marido não veio consigo esta noite?

Eve arqueou uma sobrancelha. Não era apenas desgosto, deduziu ela, mas nervos. Eram fáceis de reconhecer. Também havia sinais, mas não eram claros. A rapariga andava à pesca, ponderou ela. Mas de quê?

— Não, não veio. — Voltou a direcionar o seu olhar para Sally. — Mandou condolências, Senhora Wojinski. Não está no planeta.

— Deve requerer imensa concentração e energia — interrompeu Alice —, manter um relacionamento com um homem como Roarke enquanto se tem uma carreira exigente, difícil e até perigosa. O meu avô costumava dizer que assim que agarrava uma investigação, já não largava. Diria que tinha razão, tenente?

— Se largarmos, perdemos. Eu não gosto de perder. — Ela correspondeu ao estranho olhar de Alice por um momento, depois, impulsivamente, agachou-se e sussurrou a Pete: — Quando eu era novata, vi o teu avô disparar contra um tipo a quase dez metros de distância. Ele era o maior. — Foi recompensada com um esgar rápido antes de se endireitar. — Ele não será esquecido, Senhora Wojinski — disse ela, estendendo a mão. — E ele contava muito para todos nós.

Ela começou a recuar, mas Alice pousou-lhe uma mão no braço, inclinando-se. A mão, reparou Eve, tremia ligeiramente. — Foi interessante conhecê-la, tenente. Obrigada por ter vindo.

Eve inclinou a cabeça e voltou a diluir-se na multidão. Casualmente, colocou a mão no bolso do casaco e sentiu a fina folha de papel que Alice lá tinha colocado.

Demorou mais trinta minutos para sair dali. Esperou até estar lá fora e no seu carro antes de pegar no bilhete e de o ler.

*Encontre-se comigo amanhã, à meia-noite. Clube Aquário.
NÃO CONTE A NINGUÉM. A sua vida está agora em perigo.*

Em vez de assinatura, tinha um símbolo, uma linha negra que corria num círculo em expansão, para formar uma espécie de labirinto. Quase tão intrigada quanto estava aborrecida, Eve enfiou o recado no bolso e seguiu caminho para casa.

Como era polícia, viu a figura envolta em negro, pouco mais do que uma sombra nas sombras. E como era polícia, sabia que ele a estava a observar.

Quando Roarke se encontrava fora, Eve preferia fingir que a casa estava vazia. Tanto ela como Summerset, que exercia as funções de chefe de gabinete de Roarke, faziam os possíveis para ignorar a presença um do outro. A casa era enorme, um labirinto de divisões, o que resumia o assunto a evitarem-se mutuamente.

Ela entrou no átrio amplo, atirou o casaco de cabedal puído sobre o balaústre esculpido, porque sabia que isso faria Summerset cerrar os maxilares. Ele detestava que alguma coisa conspurcasse a elegância da casa. Especialmente ela.

Eve subiu as escadas, mas em vez de ir para o quarto principal, desviou-se para o seu escritório.

Se Roarke tivesse de passar outra noite fora do planeta, como esperado, ela preferia passá-la na sua cadeira de descontração em vez de na cama.

Tinha muitas vezes pesadelos quando sonhava sozinha.

Entre a burocracia atrasada e o velório, não tinha tido tempo para uma refeição. Eve encomendou uma sanduíche — pão de centeio com fiambre da Virgínia verdadeiro — e café que transbordava de cafeína genuína. Quando o AutoChef a entregou, inalou os aromas lentamente, com ganância. Deu a primeira dentada com os olhos fechados para melhor desfrutar do milagre.

Havia verdadeiras vantagens em estar casada com um homem que podia dar-se ao luxo de comprar carne verdadeira em vez de derivados e imitações.

Para satisfazer a curiosidade, dirigiu-se à sua secretária e ligou o computador. Engoliu o fiambre, rematado com café. — Todos os dados disponíveis sobre o sujeito Alice, apelido desconhecido. Mãe Brenda, de solteira Wojinski, avós maternos, Frank e Sally Wojinski.

A pesquisar...

Eve tamborilou com os dedos no tampo da mesa, sacou do bilhete e voltou a lê-lo enquanto terminava a refeição rápida.

Sujeito Alice Lingstrom. Data de nascimento: 10 de junho de 2040. Primeira e única filha de Jan Lingstrom e Brenda Wojinski, divorciados. Morada, 486 West Eight Street, Apartamento 48, Nova Iorque. Irmão, James Lingstrom. Data de nascimento: 22 de Março de 2042. Educação, 12º ano completo, melhor da turma. Dois semestres de faculdade: Harvard. Dupla especialização em antropologia e mitologia. Terceiro semestre adiado. Trabalha atualmente como empregada de balcão na Spirit Quest, 228 West Tenth Street, Nova Iorque. Estado civil, solteira.

Eve passou a língua pelos dentes. — Registo criminal?

Sem registo criminal.

— Parece bastante normal — murmurou Eve. — Dados sobre a Spirit Quest.

Spirit Quest. Loja wicca e centro de consulta, propriedade de Isis Paige e Charles Forte. Há três anos na morada da Tenth Street. Rendimento bruto anual de 125.000 dólares. Sacerdotisa acreditada, ervanária e hipnoterapeuta registado disponíveis no local.

— Wicca? — Eve reclinou-se fungando de desdém. — Bruxaria? Minha nossa. Que tipo de vigarice é esta?

Wicca, reconhecida como religião e arte, é uma fé antiga e baseada na natureza que...

— Para. — Eve exalou um suspiro. Não procurava uma definição de bruxaria, mas uma explicação para o facto de um polícia duro como uma

pedra acabar com uma neta que acreditava em lançar feitiços e cristais mágicos.

E o motivo para essa neta querer uma reunião secreta.

A melhor maneira de descobrir, decidiu ela, era aparecer no Clube Aquário dali a pouco mais de vinte e quatro horas. Deixou o bilhete na secretária. Seria fácil não lhe ligar, pensou ela, se não tivesse sido escrito por uma familiar de um homem que tinha respeitado.

E se não tivesse visto aquela figura nas sombras. Uma figura que tinha a certeza que não queria ter sido vista.

Entrou na casa de banho adjacente e começou a despir-se. Era uma pena não poder levar Mavis ao encontro. Eve suspeitava que o Clube Aquário seria mesmo ao gosto da amiga. Eve lançou as calças de ganga para o lado, espreguiçando-se para expulsar as maleitas de um longo dia. E perguntou-se o que faria com a longa noite que se aproximava.

Não tinha nada urgente em que trabalhar. O último homicídio fora tão de caras que ela e a ajudante o tinham encerrado em menos de oito horas. Talvez passasse algumas horas abstraída a olhar para algum ecrã. Ou podia escolher uma arma na sala de armas de Roarke e descer e fazer correr um programa de holograma para queimar o excesso de energia até conseguir adormecer.

Nunca tinha experimentado uma das espingardas automáticas dele. Poderia ser interessante experimentar como um polícia abatia um inimigo no início das Guerras Urbanas.

Entrou no duche. — Jatos no máximo, pulsados — ordenou. — Trinta e seis graus.

Desejou ter um homicídio no qual ferrar os dentes. Algo que lhe concentrasse a mente e lhe esvaziasse o sistema. E, raios, isso era patético. Apercebeu-se de que estava só. Desesperada por uma distração, e ele só tinha partido há três dias.

Ambos tinham as suas vidas, não? Tinham-nas vivido antes de se terem conhecido e tinham continuado a vivê-las depois. As exigências de ambas as profissões absorviam muito tempo e atenção. O relacionamento deles funcionava — e isso continuava a surpreendê-la — porque ambos eram pessoas independentes.

Caramba, ela estava cheia de saudades dele. Revoltada consigo própria, enfiou a cabeça debaixo do chuveiro e deixou que a água lhe martelasse o cérebro.

Quando mãos escorregaram em redor da cintura dela e depois

subiram para lhe agarrar os seios, ela mal se alarmou. Mas o coração dela saltou. Conhecía o toque dele, o tato daqueles dedos longos e esguios, a textura daquelas palmas largas. Inclinou a cabeça para trás, convidando uma boca para a curva do seu ombro.

— Mmm... Summerset. Seu selvagem.

Dentes beliscaram-lhe a carne e fizeram-na soltar uma risada. Polegares esfregaram os seus mamilos ensaboados, fazendo-a gemer.

— Não vou despedi-lo. — Roarke fez percorrer uma mão até ao centro do corpo dela.

— Valia a pena tentar. Voltaste... — Os dedos dele mergulharam com perícia dentro dela, escorregados e escorregadios, fazendo-a simultaneamente arquear, gemer e vir-se. — Demasiado cedo — terminou ela num suspiro explosivo. — Credo.

— Eu diria que foi mesmo a tempo. — Virou-a, e enquanto ela tremia e pestanejava para tirar a água dos olhos, cobriu a boca dela com um longo e sedento beijo.

Tinha pensado nela no voo interminável para casa. Tinha pensado nisto, apenas nisto: tocar-lhe e saboreá-la e ouvir aquela pequena suspensão na respiração dela, tal como tinha acontecido. E ali estava ela, nua e molhada e já a tremer por ele.

Tomou-a pelos braços no canto, agarrou-a pelas ancas e, lentamente, levantou-a no ar. — Tiveste saudades minhas?

O coração dela galopava. Estava a centímetros de embater contra ela, de a preencher, de a arrasar. — Nem por isso.

— Bem, nesse caso... — Ele beijou-a ao de leve no queixo. — Vou deixar-te terminar o duche em paz.

Num rompante, ela envolveu as pernas em redor da sua cintura, segurando com força a juba molhada que era o cabelo dele. — Experimenta, pá, e és um homem morto.

— Bem, já que é no interesse da autossobrevivência. — Para torturar ambos, ele entrou dentro dela lentamente, observando os olhos dela a ficarem opacos. Fechou novamente a boca sobre a dela, fazendo com que os seus curtos fôlegos tremessem por ele.

A viagem foi lenta e escorregadia, e mais terna do que qualquer um deles tinha esperado. O clímax veio com um longo e sossegado suspiro. Os lábios dela curvaram-se contra os dele. — Bem-vindo a casa.

Ela podia vê-lo agora, aqueles olhos azuis estonteantes, a cara que tinha tanto de santo quanto de pecador, a boca de um poeta condenado. O

cabelo dele pingava água, negro e escorrito, aflorando os ombros largos envoltos num músculo subtil e surpreendentemente forte.

Olhar para ele depois daquelas ausências breves e periódicas fazia sempre com que algo inesperado a percorresse. Ela duvidava que alguma vez se habituasse ao facto de que ele não só a queria, como a amava.

Ela ainda sorria ao passar os dedos pelo seu espesso cabelo negro. — Está tudo bem com o Olympus Resort?

— Ajustamentos, alguns atrasos. Nada com que não consigamos lidar.

O resort e centro de prazer elaborado localizado na estação espacial iria abrir dentro do prazo, porque ele não aceitaria nada menos do que isso.

Ele ordenou que os jatos se desligassem e depois pegou numa toalha para enrolar o corpo dela, quando ela própria teria utilizado o tubo secador. — Começo a compreender porque ficas aqui quando estou fora. Não conseguia dormir na Suite Presidencial. — Ele pegou noutra toalha e esfregou-lhe o cabelo. — Era demasiado solitária sem ti.

Inclinou-se contra ele por um momento, apenas para sentir as linhas familiares do corpo dele contra o dela. — Estamos a ficar tão lamechas.

— Não me importo. Nós, os irlandeses, somos muito sentimentais.

Isso fê-la esboçar um sorriso enquanto ele se virava para ir buscar os robes. Ele podia ter a música da Irlanda na voz, mas ela duvidava seriamente se qualquer um dos seus parceiros ou inimigos de negócios consideraria Roarke um homem sentimental.

— Não tens nódoas negras recentes — observou ele, ajudando-a a vestir o robe antes de ela o poder fazer. — Presumo que isso signifique que tiveste uns dias sossegados.

— Em grande parte. Houve um tipo que se entusiasmou demasiado com uma acompanhante registada. Estrangulou-a até à morte durante o sexo. — Ela apertou o robe, passando os dedos pelo cabelo para espalhar mais a água. — Assustou-se e fugiu. — Ela moveu os ombros ao entrar no escritório. — Mas arranjou um advogado e entregou-se umas horas mais tarde. O advogado do Ministério Público reduziu a acusação para homicídio involuntário. Deixei a Peabody tratar do interrogatório e da detenção.

— Hmm... — Roarke foi buscar vinho a um armário embutido, servindo um copo a ambos. — Desde então tem estado calmo.

— Sim. Esta noite fui àquele velório.

Ele cerrou as sobrancelhas, descontraindo em seguida. — Ah, pois foi, tinhas-me contado. Desculpa não ter conseguido chegar a casa a tempo de ir contigo.

— O Feeney está a aceitar a coisa muito mal. Teria sido mais fácil se o Frank tivesse morrido no cumprimento do dever.

Desta vez, as sobrancelhas de Roarke franziram-se. — Preferirias que o teu colega tivesse sido assassinado em vez de, digamos, ter entrado gentilmente na doce noite?

— Teria compreendido melhor, só isso. — Ela franziu as sobrancelhas para o copo de vinho. Não pensou que seria sensato dizer a Roarke que ela própria preferiria uma morte rápida e violenta. — No entanto, há algo estranho. Conheci a família do Frank. A neta mais velha é um pouco a dar para o esquisito.

— Como?

— A forma como falava e os dados que recolhi sobre ela quando cheguei a casa.

Intrigado, ele ergueu o copo para beber um gole. — Investigaste os antecedentes dela?

— Foi só uma investigação rápida. Porque ela me entregou isto. — Eve caminhou até à secretária, pegando no bilhete.

Roarke examinou-o com cuidado. — Labirinto terrestre.

— O quê?

— Este símbolo. É celta.

Abanando a cabeça, Eve aproximou-se para voltar a olhar. — Tu sabes as coisas mais estranhas.

— Não é assim tão estranho. Afinal, tenho ascendência celta. O antigo símbolo do labirinto é mágico e sagrado.

— Bem, isso enquadra-se. Ela anda metida em bruxaria, ou algo assim. Consegui iniciar uma educação de primeira. Harvard. Mas desistiu para trabalhar numa loja de West Village que vende cristais e ervas mágicas.

Roarke percorreu o símbolo com a ponta do dedo. Já o tinha visto, bem como a outros parecidos. Durante a sua infância, os cultos em Dublin tinham sido tudo desde gangues maléficis a pacifistas pios. Todos, como é evidente, tinham utilizado a religião como desculpa para matar. Ou ser morto.

— Não tens a mais pequena ideia do motivo para ela se querer encontrar contigo?

— Nenhuma. Diria que ela pensa que leu a minha aura, ou algo assim. A Mavis era a cabecilha de uma vigarice mística antes de eu a prender por roubar carteiras. Disse-me que as pessoas pagam quase qualquer coisa se lhes dissermos o que querem ouvir. Ainda mais, se lhes dissermos o que não querem ouvir.

— Por isso é que os vigaristas e os empresários legítimos são muito parecidos. — Ele sorriu-lhe. — Presumo que, ainda assim, vais.

— Claro, vou investigar.

Evidentemente, fá-lo-ia. Roarke deitou outro olhar ao bilhete e depois pô-lo de lado. — Vou contigo.

— Ela quer...

— É uma pena o que ela quer. — Ele bebeu um gole de vinho, um homem habituado a obter exatamente o que queria. De um modo ou de outro. — Não me meto no teu caminho, mas vou. O Clube Aquário é basicamente inofensivo, mas há sempre elementos pouco recomendáveis que escapam ao controlo.

— Os elementos pouco recomendáveis são a minha vida — disse ela num tom sério, erguendo depois a cabeça. — Tu não és, tipo, dono do Aquário, pois não?

— Não. — Sorriu. — Gostavas que fosse?

Ela riu-se e pegou-lhe na mão. — Anda. Vamos beber isto na cama.

Descontraída pelo sexo e pelo vinho, adormeceu pacificamente, enrolada em Roarke. Por isso é que ficou surpreendida por acordar subitamente apenas duas horas mais tarde. Não tinha sido um dos seus pesadelos. Não havia terror, dor, frio, suor peganhento.

No entanto, acordara estremunhada e o coração dela ainda não tinha sossegado. Deixou-se ficar deitada quieta, olhando para a enorme claraboia por cima da cama, escutando a respiração calma e constante de Roarke a seu lado.

Mudou de posição, deitou um olhar aos pés da cama e quase lançou um grito quando olhos brilharam no escuro. Depois, registou o peso em cima dos tornozelos. *Galahad* — pensou ela, revirando os olhos. O gato tinha entrado e saltado para cima da cama. Fora isso que a tinha acordado — disse para si própria. Fora apenas isso.

Voltou a acomodar-se, virou-se de lado e sentiu o braço de Roarke a envolvê-la no sono. Com um suspiro, fechou os olhos, aninhando-se com familiaridade contra ele.

Fora apenas o gato — pensou sonolenta.

Mas poderia ter jurado que tinha ouvido cânticos.

C A P Í T U L O 2



Na manhã seguinte, quando Eve já estava enterrada em papelada, a estranha vigília noturna já fora esquecida. Nova Iorque parecia estar satisfeita em gozar os dias soalheiros do início do outono e comportar-se. Parecia uma boa altura para tirar algumas horas e organizar o gabinete dela.

Ou, melhor, para delegar em Peabody a organização.

— Como é que os teus ficheiros podem estar tão desorganizados? — perguntou Peabody. A sua cara sincera e quadrada expressava remorso e desapontamento profundos.

— Eu sei onde está tudo — disse-lhe Eve. — Quero que ponhas tudo onde eu ainda saiba onde está, mas também onde faça sentido estar. É um trabalho demasiado duro, agente?

— Eu consigo tratar disso. — Peabody revirou os olhos nas costas de Eve. — Chefe.

— Está bem. E não me revires os olhos. Se as coisas estão um pouco desorganizadas, como tu dizes, é porque tive um ano ocupado. Como estamos no último trimestre e estou a treinar-te, recaí sobre mim obrigar-te a fazer isto. — Eve virou-se e esboçou um ligeiro sorriso. — Esperando, Peabody, que um dia tenhas um servo em quem delegar tarefas manhosas.

— A tua fé em mim é tocante, Dallas. Assoberba-me. — Ela silvou

para o computador. — Ou talvez me esteja a assoberbar o facto de ter aqui folhas amarelas com data de há cinco anos. Deviam ter sido mandadas para o servidor e retiradas da tua unidade após vinte e quatro meses.

— Então, envia-as e retira-as agora. — O sorriso de Eve alargou-se enquanto a máquina soluçava e, depois, deixou escapar um aviso de falha de sistema. — E boa sorte.

— A tecnologia pode ser nossa amiga. E como em qualquer amizade, precisa de manutenção e compreensão regulares.

— Eu compreendo-a perfeitamente. — Eve aproximou-se, batendo duas vezes com o punho na *drive*. A unidade soluçou e voltou ao modo de funcionamento. — Estás a ver?

— És mesmo delicada, tenente. Por isso é que o pessoal da manutenção lança dardos à tua fotografia.

— Ainda? Caramba, são mesmo rancorosos. — Encolhendo os ombros, Eve sentou-se no canto da secretária. — O que sabes sobre bruxaria?

— Se quiseres lançar um feitiço ao computador, Dallas, isso sai um pouco das minhas competências. — Com os dentes cerrados, movia e comprimia ficheiros.

— És uma *Free-Ager*.

— Não praticante. Vá, vá, tu consegues — murmurou para o computador. — Para além disso — acrescentou. — Os *Free-Agers* não são wiccans. Ambas são religiões da terra e ambas se baseiam nas ordens naturais, mas... filho da mãe, para onde é que foi?

— O quê? Para onde foi o quê?

— Nada. — Com os ombros encolhidos, Peabody vigiava o monitor. — Nada. Não te preocupes, estou a tratar disso. Provavelmente nem precisavas daqueles ficheiros.

— Isso é uma piada, Peabody?

— Podes apostar. Ah, ah. — Uma linha de suor escorria-lhe pelas costas enquanto atacava as teclas. — Pronto. Já está. Não há problema nenhum. E lá vai ele para o servidor. Limpo e arrumado. — Deixou escapar um enorme suspiro. — Será que posso ir buscar café? Só para me manter alerta.

Eve desviou o olhar para o ecrã, sem ver nada que prenunciasse desgraças. Sem dizer nada, levantou-se e pediu café do AutoChef.

— Porque quererias informações sobre wicca? Estás a pensar em

converter-te? — Sob o olhar reprovador de Eve, Peabody tentou um sorriso. — Outra piada.

— Já vi que hoje não paras. Estou apenas curiosa.

— Bem, há algumas sobreposições em princípios básicos entre wiccans e *Free-Agers*. Uma busca pelo equilíbrio e harmonia, a celebração das estações que reporta à Antiguidade, um código rígido de não-violência.

— Não-violência? — Eve semicerrou os olhos. — E maldições, lançar feitiços e sacrifícios? Virgens nuas no altar e galos negros a ficarem sem cabeça?

— A ficção caracteriza as bruxas desse modo. Sabes, *Crescei, crescei, labores e trabalhos*. Shakespeare. *Macbeth*.

Eve fungou. — Vou apanhar-te, minha linda, e ao teu cãozinho também. A Bruxa Má do Oeste. Canal de vídeos clássicos.

— Boa — admitiu Peabody. — Mas ambos os exemplos são baseados em conceções erróneas. As bruxas não são velhas feias e más que mexem caldeirões de gosma ou caçam rapariguinhas e os seus espantalhos falantes amigáveis. Os wiccans gostam de estar nus, mas não magoam nada nem ninguém. Só praticam magia branca.

— Por oposição a?

— Magia negra.

Eve estudou a sua ajudante. — Não acreditas nessas coisas? Magia e feitiços?

— Não. — Reanimada com o café, Peabody voltou-se para o computador. — Conheço alguns dos princípios básicos porque tenho um primo que se converteu à religião wicca. Ele gosta mesmo disso. Aderiu a um *coven* em Cincinnati.

— Tens um primo num *coven* em Cincinnati. — Rindo-se, Eve pôs o café. — Peabody, nunca paras de me espantar.

— Um dia destes, conto-te a história da minha avó e dos seus cinco amantes.

— Cinco amantes não é anormal na vida de uma mulher.

— Não durante a vida dela; foi no mês passado. Todos ao mesmo tempo. — Peabody olhou para cima, impassível. — Tem noventa e oito anos. Espero sair a ela.

Eve engoliu a gargalhada seguinte com o apitar do seu *telelink*. — Dallas. — Observou a cara do comandante Whitney a vaguear no ecrã. — Sim, comandante.

— Gostaria de falar consigo, tenente, no meu gabinete. O mais depressa possível.

— Sim, chefe. Cinco minutos. — Eve desligou, lançando um olhar esperançoso a Peabody. — Talvez se esteja a passar algo. Continua a trabalhar nesses ficheiros. Se formos sair, eu contacto-te.

Começou a sair, mas voltou a enfiar a cabeça na porta. — Não comas o meu doce.

— Raios — murmurou Peabody entre dentes. — Ela nunca falha.

Whitney tinha passado a maior parte da sua vida com distintivo e uma grande parte da sua vida profissional na chefia. Fazia com que lhe dissesse respeito conhecer os seus polícias, julgar as suas forças e fraquezas. E sabia como utilizar ambas.

Era um homem grande com mãos de operário e olhos escuros e inquisitivos que alguns consideravam frios. À superfície, o seu temperamento era quase assustadoramente regular. E como a maioria das superfícies planas, revestia algo perigoso que fervilhava sob a superfície.

Eve respeitava-o, gostava dele ocasionalmente e admirava-o sempre.

Estava sentado à secretária quando ela entrou no gabinete, com rugas de concentração a franzir-lhe o sobrolho enquanto lia um livro de capa dura. Não levantou o olhar, fazendo meramente um gesto na direção de uma cadeira. Ela sentou-se, viu um elétrico aéreo passar ruidosamente pela janela, espantada como sempre pelo número de passageiros com binóculos e telescópios.

O que esperavam ver por detrás das janelas onde polícias trabalhavam?, interrogou-se. Suspeitos a serem torturados, armas descarregadas, vítimas sanguinolentas a chorar? E porque é que a fantasia de tamanha miséria os iria entreter?

— Ontem à noite vi-a no velório.

Eve fez transitar os seus pensamentos e atenção para o seu comandante. — Presumo que quase todos os polícias da Central tenham aparecido.

— As pessoas gostavam do Frank.

— Sim, pois gostavam.

— Nunca trabalhou com ele?

— Deu-me algumas dicas quando era novata, ajudou-me com o

trabalho de cepa algumas vezes, mas não, nunca trabalhei diretamente com ele.

Whitney assentiu, mantendo os seus olhos nos dela. — Foi parceiro do Feeney, antes do seu tempo. A Eve foi parceira do Feeney depois de o Frank ter passado das ruas para a secretária.

Ela começou a notar uma sensação de desconforto nas entranhas. *Há aqui qualquer coisa*, pensou ela. *Algo não bate certo*. — Sim, chefe. Isto atingiu bastante o Feeney.

— Tenho noção disso, Dallas. Por isso é que o capitão Feeney não veio hoje. — Whitney apoiou os cotovelos na secretária, entrelaçou os dedos, sobrepondo-os. — Temos uma possível situação, tenente. Uma situação delicada.

— Relacionada com o detetive sargento Wojinski?

— A informação que lhe vou transmitir é confidencial. A sua ajudante pode ser informada conforme pense ser necessário, mas mais ninguém no departamento. Ninguém nos meios de comunicação. Estou a pedir-lhe, a ordenar-lhe — corrigiu ele — para trabalhar essencialmente sozinha neste assunto.

O desconforto que sentia no estômago espalhou-se em pequenas golfadas de medo ao pensar em Feeney. — Compreendido.

— Há algumas dúvidas em relação às circunstâncias da morte do DS Wojinski.

— Dúvidas, comandante?

— Vais precisar de saber os antecedentes. — Ele pousou as suas mãos dobradas na ponta da secretária. — Foi-me feito saber que o DS Wojinski, ou andava a fazer investigação por conta própria fora do expediente, ou estava envolvido com substâncias ilegais.

— Droga? O Frank? Ninguém era mais limpo do que o Frank.

Whitney nem pestanejou. — A 22 de setembro deste ano, o DS Wojinski foi avistado por um detetive de substâncias ilegais à paisana enquanto aquele alegadamente fazia uma transação num suposto centro de distribuição química. O Athame é um clube privado, de temática religiosa, que oferece aos seus membros serviços rituais individuais ou de grupo e tem licença para serviços sexuais privados. A Divisão de Estupefacientes anda a investigá-lo há quase dois anos. O Frank foi visto a fazer uma compra.

Quando Eve não disse nada, Whitney inspirou profundamente. — Esta situação foi-me subsequentemente reportada. Interroguei o Frank e ele não foi muito expansivo. — Whitney hesitou, depois continuou.

— Francamente, Dallas, o facto de ele nem confirmar nem desmentir, se recusar a explicar ou discutir o assunto, não me pareceu nada dele. E preocupou-me. Ordenei-lhe que se submetesse a um exame físico, incluindo um *scan* de drogas, aconselhei-o a tirar uma semana de baixa. Concordou em fazer ambas as coisas. Nessa altura, o *scan* deu um resultado limpo. Devido ao registo dele e ao conhecimento e opinião pessoais que dele fazia, não registei o incidente no ficheiro dele, e selei-o.

Ele ergueu-se, virando-se para a janela. — Talvez isso tenha sido um erro. É possível que se tivesse avançado com o assunto nessa altura, ele ainda estivesse vivo e não estivéssemos a ter esta discussão.

— Confiou no seu juízo e no seu homem.

Whitney voltou-se. Os seus olhos estavam obscurecidos; eram intensos, mas não frios, pensou Eve. Eles sentiam. — Sim, confiei. E agora tenho mais dados. A autópsia feita ao DS Wojinski detetou indícios de digitális e Zeus.

— Zeus. — Nesse momento, Eve levantou-se. — O Frank não era um drogado, comandante. Esquecendo quem e o que ele era, um químico tão potente quanto Zeus revela indícios. Consegue ver-se nos olhos, na alteração de personalidade. Se ele andasse a consumir Zeus, todos os polícias na divisão dele saberiam. O *scan* de droga teria acusado qualquer coisa. Tem de haver algum engano.

Ela enfiou as mãos nos bolsos, forçando-se a não andar de um lado para o outro. — Sim, há polícias que consomem e há polícias que acham que os distintivos deles os protegem da lei. Mas não o Frank. Não era corrupto, nem por sombras.

— Mas os indícios estavam à vista, tenente. Assim como indícios de outros químicos, identificados como *designer clones*. A combinação desses químicos resultou em paragem cardíaca e morte.

— Suspeita que ele teve uma overdose, ou se suicidou? — Ela abanou a cabeça. — Isso não está certo.

— Repito que foram encontrados vestígios.

— Então, tinha de haver um motivo. Digitális? — Ela franziu as sobrancelhas. — Isso é um medicamento para o coração, não? Disse que ele tinha feito um exame há umas semanas. Porque não indicou que ele tinha problemas cardíacos?

O olhar de Whitney permaneceu nivelado. — O amigo mais íntimo do Frank na polícia é o melhor detetive eletrónico da cidade.

— O Feeney? — Eve avançou dois passos antes de conseguir parar.

— Pensa que o Feeney o encobriu, adulterou os registos dele? Raios partam, comandante.

— É uma possibilidade que não posso ignorar — disse Whitney em tom neutro. — Nem você. A amizade não só pode toldar, como tolda sempre o juízo. Estou confiante de que a sua amizade com o Feeney não irá, neste caso, toldar o seu.

Voltou a caminhar para a secretária, a sua posição de autoridade. — Estas alegações e suspeitas têm de ser investigadas e resolvidas.

As golfadas quentes tinham crescido no estômago dela e queimavam como ácido. — Quer que investigue colegas. Um dos quais está morto, tendo deixado para trás uma família enlutada. O outro que foi meu mentor e é meu amigo. — Ela colocou as mãos na secretária. — É seu amigo.

Ele tinha esperado a raiva, tendo-a aceitado. Tal como esperava que ela fizesse o trabalho. Não se contentaria com menos. — Preferia que atribuísse isto a alguém que não se importasse? — O sobrolho dele levantou-se com a interrogação. — Quero isto feito de forma sossegada, com cada pedaço de prova e todos os registos de investigação selados para apenas serem vistos por mim. A dada altura, poderá ser necessário falar com a família do DS Wojinski. Espero que o faça com discrição e tato. Não é necessário aumentar-lhes a dor.

— E se descobrir alguma coisa que manche uma vida inteira de serviço público?

— Isso será para eu decidir.

Ela endireitou-se. — Está a pedir-me para fazer uma coisa mesmo difícil.

— Estou a ordenar — corrigiu Whitney. — Isso deveria facilitar as coisas, tenente. Para o seu lado. — Ele entregou-lhe dois discos selados. — Visione-os na sua unidade doméstica. Todas e quaisquer transmissões sobre este assunto devem ser enviadas da sua unidade doméstica para a minha unidade doméstica. Nada deve passar pela Central de Polícia até eu dizer o contrário. Está dispensada.

Ela rodou nos calcanhares, andando para a porta. Ali, fez uma pausa, mas não olhou para trás. — Não vou trair o Feeney. Raios me partam se o fizer.

Whitney observou-a a sair, depois fechou os olhos. Sabia que ela faria o que fosse necessário. Só esperava que não fosse mais do que aquilo com que ela conseguia viver.

O temperamento dela estava explosivo quando chegou ao seu gabinete. Peabody mantinha-se sentada em frente do monitor, com um sorrisinho.

— Acabei mesmo agora. A tua unidade é mesmo mariquinhas, Dallas, mas estive a dar-lhe um pouco de amor duro.

— Destroçar — ripostou Eve, agarrando no seu casaco e na mala. — Vai buscar o teu equipamento, Peabody.

— Temos um caso? — Arrebitando, Peabody saltou da cadeira e correu atrás de Eve. — Que tipo de caso? Onde vamos? — Ela apressou o passo para a acompanhar. — Dallas? Tenente?

Eve bateu no botão do elevador, e o olhar furibundo que lançou a Peabody foi suficiente para impedir mais perguntas. Entrou no elevador, acomodou-se entre vários polícias ruidosos e deixou-se estar num silêncio estatuesco.

— Dallas, como está a recém-casada? Porque não pedes ao teu marido rico para comprar o refeitório e servir comida a sério?

Ela lançou um olhar de aço pelo ombro, fitando a cara de um polícia sorridente. — Morde aqui, Carter.

— Há três anos mordei mesmo e quase me partiste os dentes todos. Estavas a guardar-te para um civil — disse ele quando o riso irrompeu.

— Estavas a guardar-te para alguém que não fosse o maior cretino dos Furtos — acrescentou outra pessoa.

— É melhor do que ser o menor, Forenski. Peabody — continuou Carter. — Queres que te morda?

— Tens seguro de saúde? Podes morrer de velho.

— Eu vou ver isso e depois informo-te. — Com uma piscadela, Carter e muitos outros foram-se embora.

— O Carter atira-se a tudo o que tenha saias — disse Peabody em jeito de conversa, preocupada com o facto de Eve continuar a olhar para a frente. — É pena ser um cretino. — Sem resposta. — Ah, o Forenski até é giro — continuou Peabody. — Ele não tem uma parceira pessoal fixa, pois não?

— Não me intrometo nas vidas pessoais dos outros agentes — ripostou Eve, avançando a passos largos para o nível da garagem.

— Não te importas de te intrometer na minha — replicou Peabody entre dentes. Esperou enquanto Eve descodificava as fechaduras do carro, depois sentou-se no lugar do pendura. — Insiro o destino, tenente, ou é

surpresa? — Depois, piscou os olhos quando Eve simplesmente encostou a cabeça contra o volante. — Estás bem? O que se passa, Dallas?

— Abre a unidade de casa. — Eve inspirou, endireitando-se. — Dou-te os detalhes pelo caminho. Todas as informações que te der e todos os registos da investigação que se segue são para ser codificados e selados. — Eve manobrou o carro para fora da garagem, saindo para a rua. — Essas informações e registos são todos confidenciais. Só reportas a mim ou ao comandante.

— Sim, chefe. — Peabody engoliu a obstrução que se tinha alojado na sua garganta. — É interno, não é? É um dos nossos.

— Sim. Raios partam. É um dos nossos.

A unidade doméstica dela não sofria das excentricidades do computador oficial. Roarke tinha tratado disso. Os dados deslizavam sem problemas pelo ecrã.

— Detetive Marion Burns. Está infiltrada no Athame há oito meses, a trabalhar como empregada de bar. — Eve cerrou os lábios. — Burns. Não a conheço.

— Eu conheço mais ou menos. — Peabody arrastou a cadeira um pouco mais próximo da de Eve. — Conheci-a quando estava... sabes, durante aquela coisa do Casto. Pareceu-me ser do tipo de confiança, empenhada no trabalho. Se a memória não me falha, é polícia de terceira geração. A mãe dela ainda está no ativo. Acho que é capitão, em Bunko. O avô dela morreu no cumprimento do dever durante as Guerras Urbanas. Não sei por que motivo incriminaria o DS Wojinski.

— Talvez tenha relatado o que viu, ou talvez seja outra coisa qualquer. Teremos de descobrir. O relatório que fez ao Whitney é bastante explícito. À uma da tarde de 22 de setembro, 2058, observou o DS Wojinski sentado numa cabina privada com uma conhecida traficante de químicos, Selina Cross. O Wojinski trocou créditos por um pequeno pacote, que parecia conter uma substância ilegal. A conversa e troca duraram quinze minutos, altura em que a Cross passou para outra cabina. O Wojinski ficou no clube mais dez minutos, depois foi-se embora. A detetive Burns seguiu o suspeito durante dois quarteirões, altura em que este apanhou um transporte público.

— Portanto, ela não o chegou a ver a consumir.

— Não. E não o chegou a ver regressar ao clube nessa noite ou em

qualquer noite seguinte durante a investigação dela. A Burns é a nossa prioridade em termos de interrogatório.

— Sim, chefe. Dallas, já que o Wojinski e o Feeney eram próximos, não seria normal que o Wojinski lhe tivesse contado qualquer coisa? Ou no caso de isso não ter acontecido, que o Feeney tivesse reparado... em alguma coisa?

— Não sei. — Eve esfregou os olhos. — O Athame. Que raio é um átame?

— Não sei. — Peabody sacou do seu computador portátil e pediu os dados. — «Átame, punhal ritualístico, um instrumento ritualístico normalmente feito de aço. Tradicionalmente, o átame não é utilizado para cortar, mas para invocar ou banir círculos nas religiões da terra.»

Peabody ergueu o olhar para Eve. — Bruxaria — continuou ela. — É uma grande coincidência.

— Não me parece. — Eve retirou o bilhete de Alice de dentro da gaveta da secretária e passou-o a Peabody. — A neta do Frank passou-me isto no velório. Acontece que ela trabalha numa loja chamada Spirit Quest. Conheces?

— Sei o que é. — Agora com um ar preocupado, Peabody pousou o bilhete. — Os wiccans são pacíficos, Dallas. E utilizam ervas, não químicos. Nenhum verdadeiro wiccan compra, vende ou consome Zeus.

— E digitális? — Eve ergueu a cabeça. — É uma espécie de erva, não?

— É destilada da dedaleira. Há séculos que é utilizada medicinalmente.

— É o quê? Uma espécie de estimulante?

— Não sei muito sobre curativos, mas acho que sim.

— Também Zeus. Pergunto-me que tipo de efeito se produz se combinarmos as duas. Uma mistura má, dosagem errada, o que seja... Não me surpreenderia se provocasse um ataque cardíaco.

— Achas que o Wojinski se suicidou?

— O comandante suspeita disso e eu tenho questões em aberto — disse Eve com impaciência. — Não tenho respostas. Mas vou obtê-las. — Pegou no bilhete. — Vamos começar esta noite, com a Alice. Quero-te lá às onze, à paisana. Tenta parecer uma *Free-Ager*, Peabody, não uma polícia.

Peabody encolheu-se. — Tenho um vestido que a minha mãe fez para o meu último aniversário. Mas vou ficar mesmo fula se te rires.

— Vou tentar controlar-me. Por agora, vejamos o que podemos descobrir sobre esta tal Selina Cross e sobre o clube Athame.

Cinco minutos depois, Eve estava a sorrir obscuramente para a sua

máquina. — Interessante. A nossa Selina é muito rodada. Passou algum tempo na gaiola. Olha-me para este cadastro, Peabody. Solicitar sexo sem licença, em 43 e em 44. Acusação de agressão também em 44, mais tarde retirada. Deu de caras com o Bunko em 47, à frente de um esquema de videntes. Para que raios é que as pessoas querem falar com os mortos? Suspeita de mutilações a animais em 49. Não houve provas para efetuar uma detenção. Fabrico e distribuição de substâncias ilegais. Foi essa a perda dela e que a pôs na cadeia de 50 a 51. No entanto, são todas coisas pequenas. Mas aqui, em 55, foi detida e interrogada no seguimento do esquiteamento ritual de um menor. O álibi dela era forte.

— A Divisão de Estupefacientes vigia-a desde que foi libertada, em 51 — adicionou Peabody.

— Mas não a detiveram.

— É como disseste, ela é arraia-miúda. Devem querer caça grossa.

— Essa é a minha opinião. Veremos o que a Marion tem a dizer. Olha, diz aqui que a Selina Cross é dona do Athame, sem quaisquer ilegalidades. — Eve cerrou os lábios. — Onde é que uma traficante de meia-tigela obteria crédito para comprar e gerir um clube? Ela é uma fachada. Pergunto-me se a Divisão de Estupefacientes sabe para quem. Vamos lá vê-la bem. Computador, mostrar imagem da suspeita. Cross, Selina.

— Bolas! — Peabody estremeceu um pouco enquanto a imagem fluía no ecrã. — Mete medo.

— Não é uma cara que se esqueça — murmurou Eve.

Era angulosa e esguia, os lábios cheios e de um vermelho vibrante, os olhos negros como ónix. Havia ali beleza, no equilíbrio das feições, na pele suave e branca, mas era uma beleza fria. E, como Peabody tinha observado, metia medo. O cabelo dela era tão escuro quanto os olhos, dividido perfeitamente ao meio, caindo depois a direito. Tinha uma pequena tatuagem acima da sobancelha esquerda.

— Que símbolo é aquele? — perguntou Eve. — Fazer *zoom* e aumentar segmentos vinte a vinte e dois, trinta por cento.

— Um pentagrama. — A voz de Peabody falhou, fazendo com que Eve olhasse para ela com curiosidade. — Invertido. Ela não é wiccan, Dallas. — Peabody limpou a garganta. — Ela é satânica.